

S. Paulo, 9,5,1913

Rangel:

Casualmente encontrei hoje a tua de 25 de abril, que um dos meus pimpolhos recebeu do carteiro e encafuou numa gaveta. E deu-me alegria saber que não degenerarei_ pelo menos na tua opinião_ embora eu não perceba o que te levasse a tal conceito. Infelizmente, meu caro, ainda sou o mesmo; não consegui os belos resultados do Mario Roberto, apesar da fazenda, do jogo do bicho, do Beccari e do Hermes. Imagine que ao julgar-me completamente sarado, entro na livraria Alves para comprar um tratadinho de Salmon sobre *L'Élevage du Cochon dans l'Amerique du Nord* e saio com 200\$000 de Paul de Saint Victor, de Taine, Henri Fabre, etc. E mergulhei, literalmente chafurdei, no vício antigo, para grande escandalo dos meus canastrões, caracús e Leghorns. Que revanche! E no dia seguinte compro uma tal *Biblioteca Internacional de Obras Celebres* e estou agora organizando uma lista de memorias para mandar vir. Parece que ando na idade de ler memorias. Só nelas temos o que é possível de historia verdadeira, com os *bàs-fond* e as cozinhas e copas da humanidade. A historia dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visitas dos povos. É um *garni* uniforme, incolor, tanto na França como na Turquia e Russia. Mas as memorias são a alcova, as anaguas, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal_ a pele quente e nua, ora macia e lisa, ora craquenta de lepra_ da humanidade, a grande humanidade com "h" minuscuro, esse oceano de machos e femeas que come, bebe e ama_ e supõe que faz mais alguma coisa além disso.

O meu grande sonho literario, jamais confessado a ninguem, é um livro que nunca foi escrito e talvez não o seja nunca_ porque Rabelais o esqueceu. É uma visão da humanidade extra-humana ou sobre-humana. O homem visto pelos olhos dum ser extra-humano, um habitante de Marte, por exemplo, ou dum atomo, ou da Lua. Um quadro da humanidade feito com ideias de um não-homem (que maravilhoso absurdo!). uma pintura objetiva apenas, nada de julgamentos de juiz. Toda literatura, todo romance, todo poema, por mais impessoal que procure ser, não passa de um julgamento. A ideia moral, que domina mesmo o autor mais liberto de tudo, *não permite* a simples pintura objetiva. E essa pintura seria um susto e um assombro para o homem, que não consegue jamais conhecer-se a si mesmo porque ninguem o desnuda. Livro de louco. Livro para o Marquês de Sade, se não fosse a sua obsessão sexual_ ele tinha genio para tanto. Sinto que se apenas esboçar esse livro, metem-me no Juqueri. Encostemos por enquanto o pesadelo.

O Beccari nos tem aborrecido tanto, que a nossa roda já fala em roda de pau. Até Raul, o inofensivo, quer ter o gosto de colaborar na surra com a sua elegante bengala de

junco. Que fim do Cenaculo! Os subgenios atacando em massa, e deslombando, o Genio Maximo, o Leonardo da Vinci do Cambuci!

Se visses o Ricardo no escritorio de advocacia que armou com o Luiz Maia e outro... O Luiz, como parente que é, e homem de 1m80 de altitude e 90 quilos de tonelagem, tornou-se o chefe, o dirigente mental, o assessor e o motor do Ricardo. Empreendeu desenrabiça-lo das musas e casa-lo com a machorra da Advocacia. E para isso força-o a assinar o ponto ás 11 horas e a ficar sentado a uma secretaria até ás 4, diante de autos, de papel marcado, de cartões do escritorio e de um *Assessor Forense*. Como unica transigencia admite, na estante que lhe fronteia a secretaria atochada de Lobões, Mafras, Bento Farias, Trigo Loureiro, Aveias e Coentros, bem em cima, em lugar pouco visivel, uma coleção da *Kosmos*. Todos os dias ás 11 em ponto Ricardo assoma á porta, entrepara, arranca um suspiro e entra. Pendura no cabide a capa e o chapéu, ouve uma descompostura do Maia e uns conselhos paternais (genero do D'Argenton no *Jack*): “A vida não é um romance, Dr. Ricardo Gonçalves. A advocacia é coisa seria, de grandes responsabilidade, etc.” Ricardo, sem um pio, abanca-se, escreve uma petição ou razão, para afazer-se á forma tabeliôa. O Luiz passeia pela sala e dita:

– “... e assim requer que o dito mandado...”

– “Dito mandado!” geme o poeta. Já ha um “dito” atras e está tão claro que é sempre o mesmo mandado...

– “Escreva, escreva! É preciso muita clareza, senão o juiz não entende. Isto não é poesia, Dr. Ricardo Gonçalves. É coisa seria. A vida não é um romance”.

E no papel, que outrora recebia os seus lindos sonetos, Ricardo lança aqueles odiosos “ditos”, e safadissimos “referidos”, suspirando. E fora sôa um chorinho abafado, no corredor. São as musas que não podem entrar e de longe espiam aquilo...

Como consolo aparece de quando em vez um abencerragem literario_ em regra o Raul, que foge da repartição e vai ve-lo, todo smart, com um tédio superior no canto da boca e gestos de dedos espetados, mas já sem os “ohs”, sem Eça e até sem Fialho. Tambem aparece um Joaquim Correia, critico de pintura e versos que o Raul outrora hostilizava mas que o Ricardo considera boa pessoa. Tambem o Nogueira deixou lá rastro luminoso_ e as musas quasi entraram com ele. E como dissertou bem! “Porque o Alberto me disse... Porque o Artur me escreveu”. O Alberto é o Alberto de Oliveira. O Artur deve ser o Rei Artur. Você não lhe pilha mais a camaradagem, Rangel! Serias para ele agora uma *mésalliance*. O Nogueira de agora é só ali no “imortal” e não faz por menos. E você, ingenuo, ainda lhe escreve! Mas não espere resposta. Nogueira só atende de Alberto para cima.

Pobre e bom Nogueira! É um excelente rapaz. Estas minhas maldades talvez sejam no fundo inveja do seu *Amor Imortal*. Inveja do que já é editado (ou “edicionado”, como

ele diz) pelo ainda não editado. Assim o tivéssemos sempre por aqui, para agitação e desempoeiramento das nossas ideias!

LOBATO